

**Possibilidades metodológicas para leitura de textos
filosóficos: uma apreciação de *O Anticristo* de Friedrich
Nietzsche**

**Methodological possibilities for reading of philosophical
texts: an appreciation of *The Antichrist* of Friedrich
Nietzsche**

Sergio Fernando Maciel Corrêa¹

Resumo: O presente artigo traz alguns apontamentos a respeito da arte de ler bem um texto. Optamos pelo “Caso Nietzsche” por seu estilo peculiar e pelas suas ponderações acerca do tipo de leitor que deseja para sua obra e pelo procedimento através do qual quer ser interpretado. Adotamos *O Anticristo*, texto tardio que nos leva ao ano de 1888, e o seu fio condutor: a crítica ao cristianismo e a transvaloração de todos os seus valores. A partir desta escolha, marcamos três pontos críticos concernentes à obra como um todo; ao procedimento genealógico e à ambição de Nietzsche em conceber um leitor ideal e instituir a filologia como modo preeminente de interpretação. Realizamos este trabalho a partir dos comentários de Martial Gueroult. Em seguida tentamos elencar três contribuições profícuas do texto Nietzscheano. Baseamo-nos nas observações de Victor Goldschmidt para sustentarmos uma abordagem imanente dos argumentos contidos no texto.

Palavras-chave: Método. Leitura criativa. Arquitetônica. Imanência Textual. Nietzsche.

Introdução

Partimos de uma assertiva direta: ler é uma arte. Neste sentido, duas perspectivas se abrem para uma leitura fecunda em filosofia: a primeira diz respeito ao modo como um filósofo lê o mundo e o traduz em texto. A segunda perspectiva se refere ao modo como os seus leitores se relacionam com este mesmo texto e de como o autor-filósofo quer ser lido por esses mesmo leitores. Esta assertiva e suas derivações nos colocam uma questão: qual a melhor maneira de ler a obra de um filósofo como Nietzsche? Alertamos que se trata de uma

¹ É professor da Carreira EBTT no IFC, Instituto Federal Catarinense - Campus Videira, SC. É também doutorando em Filosofia Social e Política pela Unisinos. Possui licenciatura plena em filosofia(2006). É especialista em Gestão Escolar (2008). Mestre em Filosofia - área de concentração: ética e filosofia política (2014).Membro do Grupo de Estudos Nietzsche - UFPel: GENPel. fer.ser29@gmail.com

leitura que tem o pressuposto de ser filosófica e não psicológica, sócio-histórica ou outra leitura qualquer que parte de outros métodos e de outros objetivos e que tem sua legitimidade e sua validade e inclusive contribui para o progresso da filosofia.

Por ser uma arte, uma ação criativa, um saber-fazer o tipo de leitura que tratamos aqui carece de método e de rigor. Por este ângulo, uma leitura filosófica verdadeira se constitui no exercício constante do aprender a pensar. Por isso é necessária uma correta operação cognitiva pela qual nos informamos sobre o conteúdo de uma teoria ou de um sistema filosófico. Contudo, este processo cognitivo ainda não é suficiente para o exercício da reflexão que caracteriza o saber e o fazer da filosofia. Nietzsche, como se sabe, preocupou-se em como ser lido e com o tipo de leitor que se apropriaria da sua obra. Ao que nos parece, não é de todo errado a um filósofo querer escolher aos seus leitores e tal prática encontra sua legitimidade no campo acadêmico quando um pesquisador vai baixar a termo suas pesquisas e se preocupa com o bom entendimento da sua pesquisa pelos seus possíveis leitores. A controvérsia se estabelece quando o filósofo escolhe os procedimentos metodológicos através dos quais quer ser lido, como é o caso de Nietzsche. Neste caso, haveria uma prescrição de uma forma que implica numa espécie de discipulado que anularia a autonomia do sujeito-leitor². Problematizar e tentar responder a este questionamento é precisamente a razão que nos leva ao texto nietzschiano.

O presente texto se constitui de um exercício de leitura crítica de uma obra que não foi exatamente publicada por Nietzsche, mas que foi, sim, editada por ele para a publicação: “*O Anticristo*”. Salientamos ainda que na leitura que faremos do texto de Nietzsche nos apoiaremos sobre dois autores que escrevem e propõem métodos de leitura e de interpretação de textos filosóficos. Porém, as metodologias propostas pelos dois autores se mostram distintas e até divergentes entre si. O primeiro é um texto escrito em 1957: *Lógica, Arquitetônica e Estruturas Constitutivas dos Sistemas Filosóficos* de Martial Gueroult e o segundo texto é um pouco mais antigo, pois foi publicado em 1949: *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos* de Victor Goldschmidt.

² Para um bom entendimento e discussão mais aprofundados sugerimos a leitura de: SILVA JUNIOR, Ivo da. Nietzsche, entre a arte de ler bem e seus leitores. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 17-31, dez. 2014.

Ainda sobre *O Anticristo*, prevenimos que se trata de um texto escrito no segundo semestre de 1888, portanto nos últimos momentos da atividade intelectual de Nietzsche (1844 – 1900). Por certo, precisamos colocar este texto no âmbito de uma projeção maior que por razões do colapso da saúde de Nietzsche nunca foi terminado. Assim consideramos que “*O Anticristo*” é apenas um anúncio, uma aurora, uma indicação de um empreendimento de grandeza maior – o projeto de uma Transvaloração [*Umwertung*] de todos os valores. Ao fazermos esta afirmação nos apoiamos no texto que serve de prefácio ao *Ecce Homo*, escrito em 15 de outubro de 1888, no aniversário de 44 anos de Nietzsche em que o filósofo escreve: “O primeiro livro da *Transvaloração de todos os valores*, as *Canções de Zaratustra*, o *Crepúsculo dos ídolos* (...) tudo dádivas desse ano, aliás, de seu último trimestre!” (NIETZSCHE, 2008, p. 19). O texto que segue aborda a obra supracitada por duas metodologias distintas para leitura de textos filosóficos, as quais servirão para destacar três pontos passíveis de serem criticados e três pontos possíveis de serem exaltados da Obra em questão – *O Anticristo*. Iniciaremos fazendo um exercício de crítica ao texto nietzschiano com base nas sugestões de método do texto *Lógica, Arquitetônica e Estruturas Constitutivas dos Sistemas Filosóficos*.³

A Compreensão Arquitetônica do “Corpus” da Obra.

A nossa primeira crítica ao texto de Nietzsche, a partir de Guerrou, se dirige à totalidade da obra “*O Anticristo*” em seu caráter especulativo, pouco racional, da crítica gratuita e do sentimento de rancor. Reconhecemos que Nietzsche parte de um problema específico: o do cristianismo e dos valores que o sustentam. Porém ao tentar fazer uma crítica ao cristianismo e aos seus valores a teoria de Nietzsche mais conjectura do que demonstra, ou seja, há pouco ou quase nada de encadeamento lógico-argumentativo e nem mesmo há um fio condutor entre os parágrafos. Ainda mais, há pouca ou quase nada de referências empíricas a partir das quais o autor de *A Gaia Ciência* poderia derivar suas conclusões. Poderíamos

³ O texto original *Logique, architectonique et structures constitutives des systèmes philosophiques*, in *Encyclopédie française [EF]*, vol. XIX, 1^{re} partie, section C, Paris, 1957, n^{os} 24-15 à 26-4. Há uma tradução para o português brasileiro na revista *Trans/Form/Ação*. São Paulo, n^o30, v. 1, 235-246, 2007 disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/944/849> acesso em 25/06/2017.

afirmar que não encontramos uma conexão sistemática do problema e suas nuances e menos ainda encontramos uma sistematização das soluções oferecidas ao seu tema principal: o do cristianismo e de uma possível transvaloração de todos os seus valores. Evidente que o estilo aforismático da escrita de Nietzsche é uma forma própria de praticar a sua filosofia. Portanto, se aplicarmos rigorosamente a proposta de método do texto *Logique, architectonique et structures constitutives des systèmes philosophiques* chegaremos às conclusões apontadas acima, porque a lógica, a estrutura argumentativa é precisamente o que deve constituir a arquitetura do texto e oferecer legitimidade ao pretensão conteúdo filosófico de um texto, como aponta Gueroult: “É por isso que o elemento lógico deve assumir em toda filosofia, não uma função de tradução (de uma paisagem mental ou de uma intuição), mas uma função de validação e até de constituição” (GUEROULT, 2007, p. 235).

Depreende-se deste primeiro aspecto, o segundo ponto crítico que o texto não publicado de Nietzsche nos sugere. Ao preparar o texto para a publicação o filósofo alemão escolhe seus leitores como está dito na primeira frase do *prólogo*: “Este livro é para pouquíssimas pessoas. E talvez eles não vivam” (NIETZSCHE, 2007, p. 09). Aqui queremos também por em questão a legitimidade que supostamente um autor poderia ter ao escolher seus leitores, como defendemos na introdução deste artigo. Neste sentido uma questão pode ser colocada: escolher leitores e direcionar o modo como devem ler pode se caracterizar pela busca de seguidores, um autêntico discipulado? Por selecionar seus leitores o texto de Nietzsche é carente de coerência e objetividade. Nesta linha, junto com Gueroult, podemos questionar Nietzsche sobre a legitimidade de querer publicar um texto e ao mesmo tempo querer selecionar seus leitores, uma vez que o texto será ele mesmo pertencente à ordem pública e não ao mundo das subjetividades. Se fôssemos aplicar *stricto sensu* as indicações de Gueroult confirmaríamos a falta de coerência do autor de *Zarathustra*, pois Nietzsche parece impor um método e um comportamento ao seu leitor: a paciência da filologia, como está escrito no parágrafo 52 do seu texto:

Eu entendo aqui por filologia, em sentido geral, a arte de ler bem, de saber decifrar os fatos [*Thatsachen*], sem os falsear com interpretação [*ohne sie durch Interpretation zu fälschen*], sem perder, no desejo de compreender, a precaução, a paciência e a sutileza; filologia como *ephexys* na interpretação

[*indecisão*]: que se trate de livros ou de notícias de jornais, de destinos ou de fatos meteorológicos, para não falar da ‘salvação das almas’ (NIETZSCHE, 2007, p. 63).

A segunda crítica pode ser derivada de uma segunda premissa do texto de Guerout, segundo a qual um texto filosófico precisa ser objetivo e coerente o suficiente para se impor universalmente a todo entendimento humano. Por isso mesmo, o texto que aspira a qualidade de filosófico não pode estar preso aos panoramas mentais do seu autor, fato que o acoplaria de forma definitiva ao campo solipsista da subjetividade e por consequência o texto jamais estaria apto a penetrar ao campo da objetividade e da universalidade no qual imperam conceitos e não visões particulares de mundo, como destaca o autor:

A filosofia, por suas afinidades com a ciência, é remetida ao pólo da objetividade, em contraste com sua redução a uma *Weltanschauung*, isto é, a um reflexo logicamente organizado de uma paisagem mental, o que a fixaria sobre o polo da subjetividade. Certamente, ela não deixa de ser visão de mundo, mas esta visão não é expressão lógica pura e simples de certa constituição psíquica, pois só se realiza pela promoção de uma realidade filosófica cuja estrutura não tem nenhuma relação com uma organização de estados mentais. Assim, cada filosofia aparece menos como visão de mundo (*Weltanschauung*) do que como mundo de conceitos (*Gedankenwelt*) (GUEROULT, 2007, p. 237).

Outro questionamento que podemos dirigir ao conjunto da obra *O Anticristo* de Nietzsche, - a terceira crítica que construímos a partir dos apontamentos de Martial Gueroult – é o método com o qual Nietzsche procede a sua tentativa de crítica do cristianismo e dos seus valores e a solução que procura propor: a transvaloração de todos os valores [*Umwertung*]. Trata-se da genealogia. Certamente é uma metodologia homogênea que lida com uma diversidade de questões e problemas heterogêneos, como a origem, a transformação e o desaparecimento de formas, de organizações institucionais e de discursos oficiais. Ou seja, para dar conta desta tarefa exaustiva o filósofo alemão precisa de uma rigorosa coleta de dados, necessita ordená-los e agrupá-los e a partir daí derivar suas hipóteses e generalizações que marcam os fins, as mudanças de percurso, os fios condutores não manifestos nas fontes com as quais lida. Mesmo que o método indutivo não seja constituinte da genealogia, o exercício do pensamento hipotético-experimental de Nietzsche carece lidar com fontes

primárias. Em 1888 Nietzsche sabia disso, pois em 1886 escrevera um importante capítulo de *Além de Bem e Mal* que tratou das suas contribuições para *História Natural da Moral* onde no §186 o filósofo grafou com precisão as exigências do seu método genealógico: “reunião de material, formulação e ordenamento conceitual de um imenso domínio de delicadas diferenças e sentimentos de valor que vivem, crescem, procriam e morrem” (NIETZSCHE, 2005, p. 74).

Uma leitura dos 62 parágrafos que constituem *O Anticristo* revela que o filósofo genealogista alemão trata de conceitos políticos, científicos, religiosos etc; religiões; psicologia moral; de modernidade, sentimentos morais, virtudes, a ideia de progresso, a formulação de tipos morais, cristianismo, política, darwinismo, cruzadas, fisiologia, compaixão, Kant, mecânica, mitologia, transvaloração de todos os valores, teologia, Schopenhauer, metafísica, saúde, Buda, budismo, doença, judaísmo, fábulas, Jesus Cristo, filologia, evangelho, império romano, Lutero, ciências naturais, Apóstolo Paulo, passagens bíblicas, Medicina, ciência, sacerdotes, antiguidade grega, fé verdadeira, Alemanha douta, Deus, leitores, anarquistas, teoria do conhecimento, patrística, vontade, Bramanismo, martírio, ceticismo, desigualdade e justiça, historiografia alemã, matemática, santos, verdadeira filosofia, espíritos livres, código de Manu, Direito, islã, Renascimento.

O que marca esta imensa quantidade de conceitos com os quais o autor de *A Gaia Ciência* trabalha é a pluralidade, a diversidade, portanto, em uma palavra: a heterogeneidade. Ou seja, seu método genealógico que é homogêneo teria que ser amplamente horizontal ao ponto de abranger todos os conceitos, temas e problemas e, ao mesmo tempo, ser vertical, portanto, capaz de dissecar e ir ao ponto emergente de cada um desses conceitos e temas. Para satisfazer a exigência de verticalidade e horizontalidade o filósofo genealogista alemão precisaria, sim, ser fiel ao que escreveu em 1886 e reunir muito material, formular hipóteses e testá-las, precisar melhor as diferenças, considerar o contexto valorativo nos quais suas fontes se constituíram. A partir do texto *Logique, architectonique et structures constitutives des systèmes philosophiques* poderíamos asseverar que Nietzsche não consegue dar conta desta exigência que ele mesmo pôs em 1886: Assim trazemos mais uma vez outra premissa de Gueroult, que afirma:

A tarefa de uma filosofia se complica a partir do fato de que, sendo total, deva resolver, por um método homogêneo e por princípios idênticos, os problemas mais heterogêneos, ao passo que institui com frequência suas relações e conceitos fundamentais em função de apenas um desses problemas, que inicialmente se lhe impõe como privilegiado (GUEROULT, 2007, p. 243).

Em suma, se nos ativermos somente às prescrições de Guerout, ficará claro que a genealogia especulativa de Nietzsche⁴ não é capaz de dar uma resposta no sentido de explicitar suas próprias leis de funcionamento e ao mesmo tempo reconhecer amplitude dos problemas que se propôs a discutir. Neste sentido, faltaria arquitetura lógica e estrutura o suficiente para uma demonstração teórica do que seria a crítica ao cristianismo e a conseqüente transvaloração de todos os seus valores. Para não descartarmos o texto nietzschiano a partir de uma leitura estrutural e arquitetônica de textos filosóficos é que no ponto a seguir o artigo se propõe a debater outra metodologia de leitura filosófica.

Para uma Leitura Imanente⁵ do Texto Nietzschiano.

Por outro lado precisamos enaltecer e destacar importantes criações filosóficas que de fato estão colocadas no livro tardio de Nietzsche. Neste sentido, nos prendemos somente ao que está dito no texto nietzschiano e a forma aforismática, artística e rebuscada com a qual encadeia a sua argumentação. Por esta perspectiva, não nos interessa as questões históricas do contexto do outono de 1888 e a perturbada biografia de Nietzsche na fruição dos seus argumentos. Trata-se de uma opção pela textualidade em que o discurso escrito é apreciado sem considerar como relevantes as questões biográficas de Nietzsche, as fontes pesquisadas

⁴ Para uma discussão mais profunda do tema sugerimos a leitura do *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral* de Clademir Araldi que em seu quinto capítulo há o desenvolvimento da questão “A Genealogia de Nietzsche é Especulativa?” Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br/publicacoes/1-nietzsche-do-niilismo-ao-naturalismo-na-moral.pdf> Acesso em 26/06/2017

⁵ Rogério Lopes, por exemplo, defende que a leitura imanente não é apropriada para a ler a Obra de Nietzsche e a partir das considerações de Goldschmidt defende de forma veemente a uma leitura que reconstrua o contexto intelectual do autor. Para melhor entendimento sugerimos a leitura do artigo *Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir do caso Nietzsche*, que está disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8689/5733> Acesso em 20/062017.

por ele, e o contexto histórico-cultural do filósofo genealogista alemão. Victor Goldschmidt⁶ de fato destaca que são estas as duas possibilidades de ler um filósofo e a sua filosofia. Portanto deixamos dito que optamos pela leitura lógico-imanente do texto nietzschiano e por falta de condições deixamos de lado uma possível leitura genética de seu texto e de seu contexto. Apenas como esclarecimento citamos Goldschmidt:

Parece que haveria duas maneiras distintas de interpretar um sistema; ele pode ser interrogado, seja sobre sua verdade, seja sobre sua origem; pode-se pedir-lhe que dê razões, ou buscar suas causas. Mas, nos dois casos, considera-se ele, sobretudo, como um conjunto de teses, de dogmata. O primeiro método, que se pode chamar dogmático, aceita, sob ressalva, a pretensão dos dogmas a serem verdadeiros, e não separa a léxis (A. Lalande) da crença; o segundo, que se pode chamar genético, considera os dogmas como efeitos, sintomas, de que o historiador deverá escrever a etiologia (fatos econômicos e políticos, constituição fisiológica do autor, suas leituras, sua biografia intelectual ou espiritual etc.). – O primeiro método é eminentemente filosófico: ele aborda uma doutrina conforme à intenção de seu autor e, até o fim, conserva, no primeiro plano, o problema da verdade; em compensação, quando ele termina em crítica e em refutação, pode-se perguntar se mantém, até o fim, a exigência da compreensão. A interpretação genética, sob todas as suas formas, é ou pode ser um método científico e, por isso, sempre instrutivo; em compensação, buscando as causas, ela se arrisca a explicar o sistema além ou por cima da intenção de seu autor (GOLDSCHMIDT, 1970, p. 139).

Nesta linha, escolhemos e destacamos como muito positiva a argumentação contida no parágrafo 49 de “*O Anticristo*”. Neste texto Nietzsche se propôs a escrever sobre o primeiro livro da Bíblia e de como ele se revela perigoso à ciência, ou como ele diz para “a sábia noção de causa e efeito”. O que Nietzsche quer sustentar é a tese de que o ser humano a partir deste começo da Bíblia não mais buscou conhecer a sábia relação entre causa e efeito, mas elegeu como causa para o desejo de conhecer a ideia de pecado que não está nas coisas, mas dentro de si mesmo em fragrante agravo da sensação de felicidade que o conhecimento produziria.

Por isso a noção de culpa, castigo, graça, redenção e perdão assumem o caráter de causalidade no lugar onde deveria operar a ciência – a sábia noção de causa e efeito. Ora, o

⁶ O texto original de Victor. Goldschmidt, pode ser consultado em *La religion de Platon. In: Revue Philosophique de Louvain. Troisième série*, tome 48, n°17, 1950. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/phlou_0035-3841_1950_num_48_17_7925_t1_0137_0000_2 Acesso em 30/05/2017.

que ocorre com isso é uma “desnaturalização” da relação de causalidade. Assumem como causa, portanto, aquilo que Nietzsche nomeia de fantasmas conceituais: “Deus, espíritos, almas” e como efeitos: prêmio, castigo, sinal. A partir disso Nietzsche pode derivar sua conclusão: “O pecado, diga-se mais uma vez, essa forma de autoviolação humana *par excellence*, foi inventado para tornar impossível a ciência, a cultura, toda elevação e nobreza do homem” (NIETZSCHE, 2007, p 49).

Outro parágrafo importante de *O Anticristo* e a partir do qual é possível destacar uma rigorosa e precisa descrição por parte de Nietzsche é o parágrafo 15. Nesse texto o filósofo novamente se propõe a enunciar suas premissas e conclusões sobre o que ele apresenta como causas imaginárias, as quais elencamos: Deus, alma, Eu, espírito, livre-arbítrio, cujos efeitos também seriam imaginários – pecado, salvação, graça, castigo, perdão dos pecados. Ora, essa “pseudo-relação” entre causa e efeito afetaria exatamente a relação do ser humano com a realidade. Concordamos com Nietzsche que esta “pseudo” noção de causação cria um mundo de ficção, uma desconfiança frente à realidade natural, uma oposição entre metafísica e natureza e então o autor de *Para Genealogia da Moral* pode concluir: “A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a *causa* dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a *fórmula da decadence...*” (NIETZSCHE, 2007, pp. 20-21).

Destacamos como bastante instigante o desenvolvimento desta tese nietzschiana pelo fato de concordarmos com Goldschmidt, quando escreve sobre a leitura lógico-imanente e que este tipo de leitura se prende ao que foi dito e ao que está evidenciado, cabendo ao leitor a tarefa de interprete ativo do texto. A esta altura a hipótese de uma leitura como empreendimento artístico-criativo se oferece ao leitor do texto de Nietzsche pois se trata de uma experiência de pensamento, uma típica atividade filosófica:

A filosofia é explicitação e discurso. Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (método) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num tempo lógico. A interpretação consistirá em reapreender, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões, e em jamais separar as teses dos movimentos que as produziram (GOLDSCHMIDT, 1970, p. 140).

Para finalizar acentuamos o outro ponto profícuo de *Der Antichriste* e de seu autor. Uma questão que está para além do contexto de Nietzsche e que a ordem das razões da estrutura aforismática do texto e a expressão textual deixam claro ao leitor de *O Anticristo* é a firme decisão de Nietzsche em criticar o cristianismo. Neste sentido os leitores imanes não podem exigir do texto coerência, não podem cobrá-lo por ferir o princípio da não contradição. Mas podem, e é seu dever de leitor, encontrar a responsabilidade filosófica do autor, ou como Nietzsche mesmo chama a atenção para a derradeira virtude da probidade intelectual.

Em *Além do Bem e do Mal* Nietzsche aborda um tema espinhoso para qualquer pessoa que se dedica à filosofia crítica. Ele acusa a falta de sinceridade, de coragem e de honestidade daqueles que chama de filósofos dogmáticos no que diz respeito às suas próprias doutrinas. No parágrafo quinto de *Para Além do Bem e do Mal* o filósofo expõe a sua desconfiança e é irônico para com a falta de responsabilidade e de audácia dos filósofos para assumirem os resultados da “veracidade” [*Wahrhaftigkeit*] de suas doutrinas. Por uma ausência total de probidade intelectual, este tipo de filósofo acaba por se tornar dogmático e doutrinador, segundo Nietzsche. Eles não são capazes de fazer a genealogia das proposições e dos princípios fundamentais que regem suas próprias convicções filosóficas. Diríamos que falta coragem da verdade a tais filósofos. Escreve Nietzsche:

Todos eles agem como se tivessem descoberto ou alcançado suas opiniões próprias pelo desenvolvimento autônomo de uma dialética fria, pura, divinamente imperturbável [...] quando no fundo é uma tese adotada de antemão, uma ideia inesperada, uma “intuição”, em geral um desejo íntimo tornado abstrato e submetido a um crivo que eles defendem com razões que buscam posteriormente (NIETZSCHE, 2005, p. 12).

Pensamos que o parágrafo 39 do *Anticristo*, se não comprova definitivamente, ao menos aponta para a responsabilidade filosófica de Nietzsche e sua decorrente probidade intelectual na sua exaustiva tarefa de elaborar uma crítica ao cristianismo e propor a transvaloração de todos os seus valores. No desenvolvimento argumentativo deste parágrafo o pensador alemão sugere um passo atrás no seu julgamento ao cristianismo e, ao mesmo tempo, identifica no mesmo cristianismo algo de genuíno e digno de ser valorizado e que ele, filósofo crítico, estaria se propondo a reconhecer e a exaltar como expressão da moral da

Décadence não ressentida⁷. A explicitação argumentativa de Nietzsche sugere ao seu leitor que houve um cristianismo como forma de vida, cujos valores não se sedimentaram no plano de uma metafísica ruim, mas exatamente na existência daquele que se propôs a vivê-los, como se depreende do texto: “O “evangelho” morreu na cruz. O que desde então se chamou evangelho já era o oposto daquilo que *ele* viveu: uma má nova, um *disangelho*” (NIETZSCHE, 2007, pp. 45-46). A passagem revela muito mais do que uma religião institucionalizada e apresenta a responsabilidade intelectual do Jesus histórico que vivenciou na vida e na forma como morreu os valores que praticou em sua vida. A responsabilidade intelectual de Nietzsche também fica demonstrada no texto, que reconhece uma forma de vida autêntica no modo de viver do Jesus histórico.

Acrescentamos que o filósofo alemão não só tem autoridade para criticar a falsa noção de “salvação através de Cristo”, mas também para colocar em questão uma forma de vida e não somente uma projeção teleológica-profética para o pós-vida. Seguindo o mesmo fio condutor, o filósofo pode, com responsabilidade, criticar a noção de uma “prática cristã”. O cristianismo vivido como um modo de vida sugere para uma escolha e uma mudança de hábitos antes de começar a efetivamente praticá-lo. Uma prática pode ou não ser realizada por um sujeito e, neste caso, ela vai sempre estar localizada no âmbito do arbítrio deste sujeito. Trata-se de uma *Áskesis*⁸ que sugere também para meras ações e execuções de um conjunto de ritos, cujas exigências estariam no campo da técnica, do exercício e do treinamento e não em função da religião institucional.

⁷ O artigo *Final correspondence between Nietzsche and Malwida von Meysenbug: Cesare Borgia against Christ* sugere que embora a investigação do tipo psicológico do redentor possua importância crucial para o projeto da Transvaloração de todos os valores realizado em *O Anticristo*, visto que tal investigação fornece uma contraposição ao tipo ressentido de *décadence*, Jesus e sua prática evangélica não representam, porém, o alvo que a filosofia nietzschiana lança como proposta – ou seja, Jesus não corresponde a um modelo para um tipo mais elevado de homem que a filosofia de Nietzsche almeja cultivar. Todavia, tem-se muito frequentemente confundido o aspecto relativamente positivo da interpretação que Nietzsche faz de Jesus com uma espécie de devoção por parte do filósofo. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=7564&dd99=view> Acesso em: 23/06/2017.

⁸ O termo grego *Áskesis* (prática, treinamento ou exercício, de cunho espiritual) foi associado com qualquer forma de disciplina ou filosofia prática que tivesse em mira uma forma de vida baseada em uma disciplina voluntária do corpo e da mente na busca constante da perfeição, sempre através da renúncia aos prazeres e com atividade de certos sacrifícios.

Por estas razões o autor de *O Nascimento da Tragédia* escreve sobre o cristianismo autêntico, original – aquele que não é um projeto metafísico e uma prática de determinadas técnicas, mas que é um modo de vida, uma maneira de ser: “O cristianismo autêntico, original sempre será possível... Não uma fé, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas, um ser de outro modo...” (NIEZSCHE, 2007, pp. 45-46). Salientamos que estas ponderações de Nietzsche nos apontam direções e sugerem para possíveis interpretações de seu discurso escrito. Explicação esta que está inserida em um tempo histórico que não é do nosso interesse desvendar, mas, sobretudo, é discurso contido, sim, em um tempo lógico. Neste sentido não cabe a esta leitura imanente a função de corrigir os desvios arquitetônicos do estilo da escrita de Nietzsche. Do mesmo modo, não cabe esta interpretação situar os parágrafos onde ele feriu o princípio de não contradição, ou mesmo desqualificar seus argumentos sugerindo que o argumentador já era acometido de patologias senis em 1888. Por tais razões concordamos com Goldschmidt que ao lermos um texto filosófico, como o de Nietzsche, temos que aceitar e consentir com as suas decisões e direcionamentos: “O historiador não é, em primeiro lugar, crítico, médico, diretor de consciência; ele é quem deve aceitar ser dirigido, e isso, consentindo em colocar-se nesse tempo lógico, de que pertence ao filósofo a iniciativa” (GOLDSCHMIDT, 1970, p. 147).

Considerações Finais.

Este artigo foi norteado por uma reflexão sobre duas metodologias para leituras filosóficas de textos de mesma natureza. Para a sua construção escolhemos como campo de experimentação Nietzsche e um de seus últimos textos, *O Anticristo*. Tratamos a *Obra* nietzschiana a partir do seu tema principal, a crítica ao cristianismo e o recurso da transvaloração [*Umwertung*] de todos os seus valores. Interpelamos o texto a partir da perspectiva de dois autores que escreveram sobre procedimentos para interpretação de sistemas filosóficos e partimos da hipótese de que ler um texto é uma arte para qual é necessária a apropriação conceitual. Tratamos, portanto, de leituras de cunho filosófico para as quais se exige o exercício do pensamento e da reflexão rigorosa a partir de métodos específicos para se ler bem um texto.

Optamos por criticar o texto de Nietzsche pelo ponto de vista de Marcial Gueroult. Por esta perspectiva um texto filosófico precisa ser concebido logicamente de modo a se legitimar e ter sua validade constatada pelo leitor, situação que a genealogia especulativa de Nietzsche não permite. Na segunda crítica destacamos uma contradição de Nietzsche, pois era do seu desejo que seu texto fosse tornado público e ao mesmo tempo ele queria selecionar os seus leitores e ainda mais: impor a filologia como modelo de leitura do mundo e do texto. Com Gueroult diríamos que a filosofia e a ciência se aparentam pela aspiração da objetividade e não podem ficar presas sob os grilhões da subjetividade do cientista e do filósofo. Por fim, cuidamos de fazer uma crítica ao método genealógico de Nietzsche. Em suma, salientamos que a genealogia deveria ser amplamente horizontal para abarcar todos os problemas elencados por Nietzsche e suficientemente vertical para ir ao ponto emergente de cada um dos seus temas. Se tivéssemos que sugerir uma metodologia de como ler bem Nietzsche, certamente Gueroult não seria a melhor indicação. Mas, por outro, lado é preciso reconhecer sua contribuição para uma reflexão sobre leituras de textos de qualquer área do conhecimento.

Após, procuramos salientar ao menos três aspectos positivos do texto Nietzscheano. Assumimos essa tarefa afirmativa pela óptica de Victor Goldschmidt e priorizamos uma leitura imanente da *Obra* e deixamos de lado o que ele denomina de método genético. Sublinhamos como um ponto positivo os argumentos de Nietzsche sobre a ciência e os efeitos devassos que a elaboração da noção de pecado trouxe para a formação de um espírito científico. Por nosso contato imanente com a obra de Nietzsche, pudemos frisar uma importante argumentação do filósofo em torno da fundamentação metafísica de conceitos como Eu, Alma, Deus, Livre-Arbítrio que pelas suas experimentações genealógicas ofuscariam exatamente o modo como as pessoas interpretam e se relacionam com a realidade. Para finalizar, salientamos a virtude da probidade intelectual a partir da qual Nietzsche aborda o Jesus histórico e reconhece nesse personagem uma constituição genuína de uma forma de vida e que a partir da sua prática de existencial é possível um autêntico cristianismo como exercício de um modo de viver. Se tivéssemos que optar por uma metodologia de leitura exclusiva do texto de Nietzsche, certamente seria a leitura crítico-imanente. Porém, sempre há outras possibilidades de método e por que não a utilização das metodologias em conjunto na busca da ‘arte de bem ler um texto’.

Abstract: This article brings some notes about the art of reading a text well. We chose the "Nietzsche case" for its peculiar style and by your ponderations about the type of reader he wants for his work and by the procedure through which he wants to be interpreted. We adopted *The Antichrist*, late text that takes us to the year 1888, and it your conducting wire: the critique of Christianity and “*unwethung aller werthe*”. From this choice, we mark three critical points concerning the work as a whole; to genealogical procedure and to Nietzsche's ambition to conceive an ideal reader and set philology as a preeminent way of interpretation. We carry out this work from the comments of Martial Gueroult. Next we try to list three fruitful contributions of the Nietzschean text. We base ourselves on the observations of Victor Goldschmidt to sustain an immanent approach to the arguments contained in the text.

Keywords Method. Creative reading. Architectonic. Textual Immanence Nietzsche.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. *Nietzsche: do Niilismo ao Naturalismo Moral*. Pelotas: NEPFil online, 2013.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos* (Trad.: Ieda e Osvaldo Porchat de Pereira). In: A RELIGIÃO de Platão 2ª ed. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1970.

GUEROULT, Marcial. Lógica, arquitetônica e Estruturas constitutivas dos Sistemas Filosóficos (Trad.: Pedro Jonas de Almeida). *Trans/Form/Ação*. São Paulo, nº30, v. 1, 235-246, 2007.

LOPES, Rogério Antônio. Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir do caso Nietzsche. *Dissertatio*. Pelotas, v. 35, p. 227-247, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo & Ditirambos de Dionísio*. (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA JUNIOR, Ivo da. Nietzsche, entre a arte de ler bem e seus leitores. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 17-31, dez. 2014.